

O falante no romance e o discurso autoritário do fundamentalismo religioso: *The handmaid's tale* sob lentes dialógicas

The speaking person in the novel and the authoritarian discourse of religious fundamentalism: The handmaid's tale under dialogical lenses

Caroline Estevam de Carvalho Pessoa*
carol.pessoa07@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Orison Marden Bandeira de Melo Júnior**
orison.junior@ufrn.br
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Pensando na interação entre mundo da arte e mundo da vida, *The handmaid's tale* (ATWOOD, 1986) nos chama a refletir sobre a criação de uma sociedade totalitária representada na obra. Para a compreensão dessa representação, este trabalho pautou-se na teoria do romance de Bakhtin, em especial nos conceitos de falante do romance e discurso autoritário, bem como no conceito de fundamentalismo, segundo Armstrong, Oz, Sloterdijk e Harari. Dessa forma, este trabalho buscou compreender, no romance, o papel do discurso autoritário da religião fundamentalista na criação e no desenvolvimento de regimes autoritários com base na religião. Foi possível perceber, por meio da análise, que a assimilação natural ou compulsória do discurso autoritário fundamentalista provocou confrontos violentos e possibilitou a entrada de políticas opressoras. O romance, portanto, chama o leitor a refletir sobre o avanço de discursos autoritários com base no discurso religioso fundamentalista em sociedades contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Falante no romance. Discurso autoritário. Fundamentalismo. *The handmaid's tale*.

ABSTRACT: As we reflect on the interaction between the world of art and the world of life, *The handmaid's tale* (ATWOOD, 1986) summons us to reflect on the creation of a totalitarian society represented in the novel. To understand this representation, this

* Graduada em Letras - Habilitação em Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - CAMEAM (2009-2012). Mestra em Letras pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí. Atualmente é aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e é professora substituta no curso de Letras Inglês na Universidade Federal Rural do Semi-Árido, campus Caraúbas.

** Mestre em Literatura e Crítica Literária e doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, é professor de literatura de língua inglesa do curso de Letras-Inglês e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), atuando, a partir do dialogismo, nas linhas Leitura do texto literário e ensino e Poéticas da modernidade e da pós-modernidade.

paper is based on Bakhtin's theory, especially the concepts of speaking person in the novel and authoritarian discourse, as well as the concept of fundamentalism according to Armstrong, Oz, Sloterdijk, and Harari. Thus, it sought to understand, in the novel, the role of the authoritarian discourse of fundamentalist religion in the creation and development of authoritarian regimes founded on religion. Our analysis showed that the natural or compulsory assimilation of the fundamentalist authoritarian discourse gave rise to violent conflicts and made the introduction of oppressive policies possible. Therefore, the novel asks the reader to reflect on the advancement of authoritarian discourses based on fundamentalist religious discourse in current societies.

KEYWORDS: Speaking person in the novel. Authoritarian discourse. Fundamentalism. *The handmaid's tale*.

Introdução

“From the place where we are right flowers will never grow in the Spring”
[Do lugar onde temos razão jamais crescerão flores na primavera]
Yehuda Amichai

The handmaid's tale (1986), romance escrito pela canadense Margaret Atwood e publicado em 1985, tem se tornado bastante conhecido pelo público não só norte-americano, mas também brasileiro, em especial, talvez, devido à sua adaptação televisiva em formato de seriado, um gênero cinematográfico de bastante relevância no século XXI.

O romance representa o flerte das sociedades (mesmo aquelas que têm forte base democrática, como os EUA no caso do romance) com os discursos de opressão, governos ditatoriais e a irresistível atração ao fundamentalismo em tempos de desestabilização. Nesse sentido, ler o romance soa, atualmente, como uma intuição astuta do atual momento histórico, mas que Atwood teve nos anos 80: no enredo, percebe-se o refino tecnológico, a popularização da informação e as políticas públicas em busca de igualdade social, conduzindo à falsa sensação de progresso. Não obstante, atinge-se um estranho (e familiar a nós) ponto da escalada em que tudo parece ruir à medida que grupos minoritários se veem ameaçados – como em tempos que antecedem o citado progresso, sendo transformados em inimigos nacionais. Dessa forma, Deus volta a ser o maior ídolo nacional, e figuras messiânicas surgem com discursos de limpeza e purificação ao proporem a salvação do país.

Vale destacar que o enredo, para Bakhtin (2015), organiza e representa linguagens sociais e ideologias; ademais, serve para “representar os falantes e seus

universos ideológicos” (p. 164). Em Bakhtin, a representação é uma refração, pois é uma interpretação do mundo da vida feita pelo autor a partir da sua posição axiológica e de seu projeto estético-ideológico; diante disso, a representação de uma linguagem social, no romance, por exemplo, “[...] é a representação de um horizonte social, de uma ideologema social, que cresceu integrado à sua palavra, à sua linguagem” (BAKHTIN, 2015, p. 153).

Em relação ao falante no romance, segundo Bakhtin (2015), além de ele e suas palavras serem objetos de representação “verbalizada e ficcional” (p. 124), este também é um ser “*essencialmente* social, historicamente concreto e definido, e seu discurso é uma linguagem social” (p. 124; grifo do autor). Dessa forma, a compreensão da personagem como subjetividade e agente em contínua formação ideológica permite a compreensão das tensões que perpassam a sua construção na obra ficcional.

Propõe-se, neste trabalho, portanto, uma leitura do romance *The handmaid's tale* por meio da análise do falante no romance e sua subjetividade, conforme discutido por Bakhtin (2015), e o conceito de fundamentalismo, segundo Armstrong (2009), Oz (2004), Sloterdijk (2016) e Harari (2018). Buscamos compreender a representação da introdução de discursos fundamentalistas (discursos de autoridade) na sociedade ficcional e as consequências violentas de tal entrada, no enredo do romance.

Para a introdução desse tema (conteúdo axiologicamente marcado), escolhemos, como epígrafe deste trabalho, o trecho do poema “The Place Where We Are Right” [O lugar onde temos razão], do israelense Yehuda Amichai. Essa passagem, trazida por Oz (2004) em seu livro, reflete sobre os perigos do fanatismo e sobre como a literatura pode ser antídoto e crítica contra os discursos fanáticos ou meio de prevenção ou, ainda, um grande alerta de incêndio.

Para cumprir os objetivos propostos, este artigo será dividido em outras três seções. Na primeira, traremos uma breve reflexão sobre dois conceitos caros para a nossa análise, a saber, o falante no romance e o fundamentalismo. Na segunda, proporemos uma análise de um recorte da obra a partir dos conceitos discutidos. Por fim, traremos algumas reflexões finais sobre os objetivos do artigo, bem como buscaremos apontar algumas contribuições que o trabalho trará.

1 Breve reflexão sobre o falante no romance e fundamentalismo

O ensaio “O Discurso no romance” de Bakhtin (2015) é um guia para estudiosos da teoria dialógica do romance que refletem sobre as suas características fundamentais, ou seja, a sua capacidade de ser “um fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo e heterovocal” (p. 27), um “*heterodiscurso social artisticamente organizado*” (p. 29; grifos do autor). É nesse mundo representado e orquestrado pelo autor que personagens são construídas e falas são colocadas em suas “bocas” para servir a um todo arquitetônico da obra.

Pensar essa personagem enquanto ser criado é conhecer as características a ela pertinentes. Em Bakhtin (2015), a personagem é um ser social e as suas palavras sempre “aspiram a certa significação social” (p. 124), tornando-a, dessa forma, um ideólogo e sua palavra, um ideologema, ou seja, um “ponto de vista peculiar sobre o mundo”. Para o filósofo russo, no entanto, essa capacidade de ser ideólogo não se dá apenas pelo uso que faz de ideologemas, mas, também, pela sua ação, que é sempre “ideologicamente destacada” (BAKHTIN, 2015, p. 127).

Outro aspecto importante para a compreensão desse ser ficcional é que a “*subjetividade* do homem passa a ser objeto da [...] representação” (BAKHTIN, 2019, p. 108; grifo do autor). Pires e Sobral (2013), ao discutirem o conceito de subjetividade/identidade a partir do aporte teórico de Bakhtin, explicam que há duas bases da identidade: a primeira é a individualidade, pois “[s]omos sujeitos, mas não somos os mesmos sujeitos sempre devido ao processo dinâmico de identificar-se que constitui a nossa existência” (p. 210); a segunda é a relação entre sujeitos, pois “[...] tornamo-nos sujeitos em contato com outros sujeitos” (p. 210). Segundo os articulistas, os sujeitos estão em constante devir, tornando-se algo com base em suas relações com outros sujeitos e seus discursos. Dessa forma, a nossa subjetividade é construída de forma contínua a partir das relações que estabelecemos com os outros, o que implica que os sujeitos nunca são seres fixos: são “não terminados e intermináveis” (PIRES; SOBRAL, 2013, p. 210).

No entanto, o fato de o sujeito ser inacabado não anula o fato de que ele é responsável pelos posicionamentos que toma. Esse ato responsivo, conforme explica Lima (2018), “inclui não só a resposta, o colocar-se em relação ao mundo, ao outro, mas também uma responsabilidade, ou seja, uma autoria, uma assinatura” (p. 63). Para Bakhtin (2010), o que conta, no momento da assinatura do sujeito, ou seja, o seu posicionar-se, é o fato de ele ter reconhecido a sua responsabilidade, a sua

“obrigação”, ou, segundo Pires e Sobral (2013), a “responsabilidade pelo que sabemos, vemos e pelo que fazemos” (p. 214).

O ser falante no romance, então, como sujeito social (BAKHTIN, 2015), é aquele cuja subjetividade é formada e transformada por meio de um diálogo contínuo entre ele e o outro (GARCIA, 2006). O ser social desenvolve essa subjetividade “a partir do outro, das suas ações e do discurso do outro para continuar com ele uma relação íntima e complexa” (GARCIA, 2006, p. 50; nossa tradução)¹; dessa forma, ele se forma e se desenvolve em um processo discursivo com o outro, com o discurso alheio, em um processo de interação (GARCIA, 2006). Diante disso, Bakhtin (2015) esclarece que o discurso é semialheio (social), pois é como “se a palavra vivesse na fronteira do meu contexto e do contexto do outro” (p. 57). Para o autor russo, ela se torna a palavra do sujeito (individual, assinatura) quando ele “a satura de sua intenção, de seu acento, assume o domínio da palavra” (BAKHTIN, 2015, p. 69), posiciona-se axiologicamente em relação a ela.

Torna-se, portanto, objeto de discussão de Bakhtin (2015), o processo de assimilação do discurso do outro pelo sujeito social (e, conseqüentemente, o falante no romance), em que o discurso do outro não é percebido como informação ou instrução, mas como aquele que determina os fundamentos da relação ideológica do sujeito com o mundo. Nessa esteira, ela classifica esses discursos assimilados como discurso interiormente persuasivo e discurso autoritário. O discurso interiormente persuasivo é aquele cujas fronteiras não são rigidamente demarcadas, pois o discurso do outro, ao ser assimilado criativamente, se entrelaça ao discurso do sujeito (falante), sendo metade seu, metade do outro.

Já o discurso autoritário, o que nos interessa neste trabalho, é aquele apoiado em alguma autoridade [discurso “religioso, político, moral, o discurso do pai, dos adultos, dos mestres, etc.” (BAKHTIN, 2015, p. 136)]. É um discurso que não se entrelaça ao discurso do sujeito, pois ele permanece destacado e de forma compacta, exigindo apenas reconhecimento e assimilação. Não é permitido, ao sujeito, um domínio livre e criativo, que conduza a uma assimilação com o seu próprio discurso. No entanto, quer o discurso do outro seja integrado criativa e livremente ao discurso do sujeito (discurso interiormente persuasivo) ou não (discurso autoritário), é necessário destacar que, para Bakhtin (2015), a “luta e as relações dialógicas entre

¹ Texto no original: “a partir del otro, de las acciones y del discurso del otro, para continuar con éste una íntima y compleja relación”.

essas categorias do discurso ideológico costumam determinar a história da consciência ideológica individual” (p. 136). Em outro momento, ele explica que a nossa formação ideológica “é justamente essa tensa luta que em nós se desenvolve pelo domínio de diferentes pontos de vista, enfoques, tendências e avaliações verboideológicas” (BAKHTIN, 2015, p. 140).

Pensando, portanto, sobre a formação desse sujeito (personagem) que é social e individual ao mesmo tempo, bem como do discurso do outro que é assimilado por ele na forma de discurso autoritário e discurso interiormente persuasivo e a tensão decorrente dessa assimilação, faz-se necessário discutir brevemente sobre o discurso autoritário fundamentalista que perpassa a obra *The handmaid's tale* (1986) de Margaret Atwood.

De modo geral, o fundamentalismo pode ser compreendido como um resultado imediato de mudanças que operam no seio social, principalmente quando as formas de pensar mais conservadoras sobre religião, ciência, política, gênero e sexualidade, por exemplo, passam por ressignificações, perdem ou ganham força e são reposicionadas dentro de determinada comunidade.

Quando se instaura uma grande crise na forma de ver as coisas, é possível observar, numa sociedade, o pânico de perder o território e a coesão da comunidade imaginada por essa sociedade. Pode-se citar, de forma breve, o panorama histórico do século passado, em que a ciência e o pensamento racional pareciam ser as respostas para liderar a humanidade ao progresso inevitável. Depois das duas grandes guerras, o mundo testemunhou catástrofes inimagináveis e mesmo o horror que sucedeu dos confrontos de trincheiras, dos campos de concentração e das mortes massivas de milhões. Percebeu-se que, se no passado a religião já não conseguia resolver os problemas humanos, tampouco a ciência mostrou-se mais capaz. Os movimentos vigentes, tais como o fascismo, o nazismo e o comunismo, também solaparam, deixando o século XX em ruínas e profundamente marcados pela tragédia (HARARI, 2018).

Com efeito, o *zeitgeist* do século anterior era, sobretudo, desolador, pois, em grande parte, a humanidade encontrava-se à deriva e sem respostas para o que se sucederia na história. A descrença, o pessimismo e os horrores da guerra levaram a uma profunda desilusão com a narrativa da vez (a ciência). Eram necessários novos rumos e uma narrativa que pudesse construir a certeza de uma continuidade, pois

Ter uma só narrativa é a situação mais cômoda de todas. Tudo está perfeitamente claro. Ser deixado de repente sem nenhuma narrativa é aterrador [...]. A desorientação os faz pensar em termos apocalípticos, como se o fracasso da narrativa em chegar a seu final feliz só possa significar que ela está sendo arremessada para o Armagedon. [...] A sensação de desorientação e catástrofe iminente é exacerbada pelo ritmo acelerado da disrupção tecnológica (HARARI, 2018, p.15-16).

Dessa forma, olhar para o passado e suas “certezas” parecia ser mais reconfortante e seguro e com respostas mais coerentes. Isto é, houve o foco em um passado em que a existência de Deus não era contestada, a observância da bíblia era rigorosa, os papéis masculinos e femininos eram bem delimitados; sabia-se o que era bom e o que era mau e, portanto, passível de ser eliminado. Em vista disso, para criar sentimento de solidariedade e união em períodos caóticos torna-se urgente reconectar os sujeitos às suas raízes, chamá-los de volta aos valores tradicionais da cultura, apelar para o sentimento de pertença, a fim de que as pessoas retornem à estabilidade e que o perigo da destruição total seja neutralizado.

Seguindo essa lógica, o discurso religioso, como discurso autoritário, pode se constituir numa poderosa ferramenta de coesão. Segue-se que “[...] religiões ainda têm muito poder político, na medida em que podem cimentar identidades nacionais” (HARARI, 2018, p. 144), pois conseguem fornecer alento em épocas caóticas e instáveis. É dessa maneira que o discurso fundamentalista ganha espaço e força em períodos de grande instabilidade, como foi o pós-guerra. Assim, esse discurso ultraconservador parece ser uma resposta mais coerente ao medo e à insegurança da incerteza; portanto, “religiões, ritos e rituais continuarão a ser importantes enquanto o poder do gênero humano se apoiar em cooperação de massas, e enquanto a cooperação de massas se apoiar na crença em ficções compartilhadas” (HARARI, 2018, p. 144). Tal coalizão comunitária é eficaz em fortalecer tensões ideológicas que separam o “nós” dos “outros”, o certo do errado e o medo como principal combustível de defesa das frentes de batalha contra o inimigo. Esse antagonista é uma ameaça que vem de fora (não necessariamente estrangeiro) e prenuncia a destruição do território, bem como dos valores sociais, da cultura, isto é, de tudo o que se conhecia.

Armstrong (2009) delinea o fundamentalismo como uma tentativa de recuperar os fundamentos da fé, tendo sido iniciado pelos pentecostais conservadores americanos no período da segunda guerra: “durante a Grande Guerra, [...] o protestantismo conservador se apavorou e tornou-se fundamentalista”

(ARMSTRONG, 2009, p. 148). A autora aponta que tanto a perda de território dos protestantes conservadores para uma forma mais socialista e menos doutrinária de religião, em conjunto com a “tendência a considerar qualquer conflito como apocalíptico” (ARMSTRONG, 2009, p. 148), foram motivadoras para o fundamentalismo crescer nos Estados Unidos.

É importante considerar que, a despeito dos efeitos catastróficos promovidos pela religião, como Sloterdijk (2016, p. 21) pontua, as religiões são “especializadas no processamento de transtornos de integridade e, a partir dessa perspectiva, dedicam-se a múltiplos fins psicoterapêuticos e socioterapêuticos”. Para o autor, “[n]o centro da esfera funcional [...], encontra-se a atribuição de sentido para sofrimento, morte, desordem e acaso” (SLOTERDIJK, 2016, p. 21). Dessa forma, a religião tem seus méritos de educar indivíduos para o convívio social, orientar o sujeito perante a vida (dar sentido) e fornecer consolo para as coisas sob as quais não temos controle como a morte, as catástrofes, o caos (SLOTERDIJK, 2016). A grande questão está em quando esses modos particularizados do discurso religioso querem se posicionar como ideologia dominante e, portanto, colocar-se como discurso autoritário que espera submissão reverente dos seguidores.

Diante disso, quando esse discurso assume a forma do fanatismo, a religião se transforma em doutrina/discurso fundamentalista e, portanto, já potencialmente perigosa e naturalmente opressora. Essa fé fundamentalista se baseia no discurso de uma verdade absoluta, logo, inquestionável: “ao passo que a mentalidade pragmática se contenta com a tese de que a verdade é o que ajuda, o comportamento zeloso insiste no axioma de que a verdade compete somente àquilo que pode exigir submissão geral” (SLOTERDIJK, 2016, p. 22). Sloterdijk (2016) aponta o zelo submisso pelos valores transcendentais da religião como forma única de atingir a verdade e chegar ao caminho da iluminação.

Tal zelo se dá sob a forma da justa submissão dos fiéis ao discurso autoritário da verdade transcendental: a verdade de Deus, suas vontades e seus desígnios insondáveis. O zelo ao conjunto doutrinário está em não permitir que se macule a palavra divina e não seja admitida nenhuma heresia. Em resposta a esse discurso fundamentalista, membros da sociedade secular engendram uma cisão com a fé religiosa, isto é, rebaixam a palavra divina à condição de discurso ficcional e elevam o discurso puramente racional e científico ao status de verdade real (ARMSTRONG, 2009).

Na esteira dessa discussão, ainda segundo Sloterdijk (2016), a tendência ao zelo gera efeitos catastróficos como o fanatismo e seus desmembramentos violentos. Para tanto, “o furor assume, do ponto de vista de seu portador, quase como se fosse uma necessidade, a forma de uma obsessão inspirada de cima, na qual a energia bélica absorve inteiramente o agente e faz que a luta se revele como missão” (SLOTERDIJK, 2016, p. 17). O que o autor propõe como resposta aos efeitos do discurso religioso fundamentalista é uma verdade pragmática, isto é, um discurso que questiona, racionaliza, duvida desse discurso autoritário como único meio fundador e fim último da existência humana, mas não apenas ao que concerne à religião em si; para ele, é necessário posicionar-se axiologicamente, duvidando, questionando e racionalizando acerca de ideologias, crenças, ideias que se pretendam afirmar uma verdade inabalável.

2 O falante e o discurso autoritário do fundamentalismo em *The handmaid's tale*: dos Estados Unidos para a representação da república de Gilead

Nesta seção, chega-se, de fato, ao seio do presente trabalho a partir da relação entre tensão formativa do falante e o discurso autoritário do fundamentalismo no romance *The handmaid's tale*, de Margaret Atwood (1986). Para tanto, focamos a representação do cenário nacional narrado em primeira pessoa pela personagem protagonista, Offred, e a mudança que a autora faz do nome do país, como evidências do fundamentalismo representado no romance.

Em *The handmaid's tale* (1986), Offred, como ideóloga (BAKHTIN, 2015), narra sua experiência como *handmaid* [aia], ou seja, mulher designada à reprodução, no período que viveu em Gilead, evidenciando como os Estados Unidos passaram por um longo processo ditatorial: desde a derrubada da democracia até a instauração de um novo poder fundamentalista. O relato da personagem protagonista (falante no romance) é digressivo e não apresenta uma data definida, porém as pistas textuais apontam que Offred viveu a era gileadiana por volta dos anos finais da década de 90 e a primeira década dos anos 2000. Além disso, a narrativa da personagem remonta lembranças de sua infância. Especulamos que seja por volta da década de 1960-70, compreendido como um período de protestos sociais e grande desestabilização no mundo da vida dos Estados Unidos, como, por exemplo, o movimento pelos direitos civis dos negros americanos liderado por Martin Luther King Jr. na primeira metade

da década de 1960 e a revolta de Stonewall em 1969, que marca a luta pelos direitos da comunidade LGBTQIA+ nos Estados Unidos e no mundo.

No mundo da obra, uma das desestabilizações é representada em uma passagem, por exemplo, em que Offred recorda um evento de queima de revistas: “How old was I? [...] there were some women burning books [...] and the books were magazines” (ATWOOD, 1986, p. 38)². Com esse trecho, Atwood provavelmente faz alusão a momentos históricos do movimento feminista do período de 1960, em especial ao movimento de 1968, conhecido como *Queima de Sutiãs*³. Essa relação se dá, em especial, pela escolha que a autora faz do verbo “burn” (queimar) e pelos agentes da ação, ou seja, “women” (mulheres). No movimento *Queima de sutiãs*, mulheres protestaram contra o sexismo e contra a opressão sofrida por elas durante um concurso de beleza, jogando, ao chão, vários itens do vestuário feminino como sutiãs e maquiagens. Não houve queima de fato, pelo risco de incêndio; no entanto, a ação ficou associada ao ato de queimar objetos relacionados à opressão feminina. Essa luta questionava (e ainda questiona) tanto velhas certezas quanto produzia novas formas de posicionamento das mulheres na sociedade daquela época (WOODWARD, 2014) e também causava choque.

Em paralelo a esse movimento no mundo da vida, dentro do mundo ficcional também podemos apontar, além da citação anterior, representações outras do movimento feminista a partir da contestação dos papéis sociais entre homens e mulheres ou da reivindicação da liberdade ao corpo feminino, como o direito de abortar:

FREEDOM TO CHOOSE, EVERY BABY A WANTED BABY,
RECAPTURE OUR BODIES, DO YOU BELIEVE A WOMAN'S PLACE
IS ON THE KITCHEN TABLE? Under the last sign there's a line
drawing of a woman's body, lying on a table, blood dripping out of it”
(ATWOOD, 1986, p. 120)⁴.

² As traduções da obra que apresentamos em notas de rodapé são as encontradas na obra traduzida ao português e publicada pela Editora Rocco. Ver referência da obra em Referências. Tradução ao português: “Que idade eu tinha? [...] havia algumas mulheres queimando livros [...] e os livros eram revistas” (ATWOOD, 2006, p. 38-39).

³ *Bras-Burning*. Fonte: <https://www.jofreeman.com/photos/MissAm1969.html>.

⁴ Tradução ao português: “LIBERDADE PARA ESCOLHER. QUE TODO BEBÊ SEJA UM BEBÊ QUERIDO. RETOMEMOS NOSSOS CORPOS. VOCÊS ACREDITAM QUE O LUGAR DE UMA MULHER SEJA NA MESA DA COZINHA? Debaixo da última faixa há um desenho de um corpo de mulher, deitada numa mesa, o sangue pingando dela” (ATWOOD, 2006, p. 107).

No excerto, percebe-se que a autora traz a tensão entre o discurso de liberdade (“freedom to choose”/liberdade para escolher”) em oposição ao discurso autoritário da religião fundamentalista adotada em Gilead, a partir do qual o discurso do posicionamento da mulher na cozinha (“a woman’s place is on the kitchen table”/“o lugar de uma mulher seja na mesa da cozinha”) – submissão ao patriarcado da religião fundamentalista – é colocado em cheque, já que a oração é finalizada pela autora com um ponto de interrogação. Vale destacar que as orações são trazidas em letras maiúsculas, o que aponta para o fato tanto de que as orações advinham de placas usadas no movimento, quanto da necessidade de dar um tom axiológico a esses discursos. No enredo, esse enunciado faz parte das lembranças de Offred, ao assistir a um documentário, quando ainda estava no Centro Vermelho, um espaço para treinar mulheres recém-capturadas pelo governo para serem Aias, no seu período de treinamento. Na tensão discursiva representada no romance, o discurso feminista que emana da falante no romance e preenche a obra também coloca em xeque as verdades biologizantes e essencialistas sobre as “identidades sexuais” advindas das instituições sociais dominantes, assim como os acontecimentos históricos da luta feminista. A ação questionadora das mulheres, na narrativa ficcional, também foi um dos propulsores da desestabilização da sociedade americana representada, bem como motivadora do golpe político no romance.

Na vida, esses novos posicionamentos provocaram engajamentos também de outros grupos como o de negros, de grupos LGBT, requerendo direitos igualitários, o que, por consequência, provoca reações adversas de grupos sociais hegemônicos, pois “todo contexto ou campo cultural tem seus controles e suas expectativas, bem como seu ‘imaginário’” (WOODWARD, 2014, p. 33). Portanto, afirmar-se na diferença é ir contra o sistema prevalecente da representação: ao dizer-se homem/mulher, negro/a, gay/lésbica, transgênero e reivindicar o reconhecimento dessas existências numa sociedade predominantemente branca, heterossexual e machista não somente ocasiona a rejeição do discurso da heteronormatividade hegemônica como um padrão a ser seguido, mas também gera medo e fortalece a tendência de ver esse outro como uma ameaça à estrutura social pretendida. O medo é a reação instintiva à perda das certezas fixas, à invasão do outro estrangeiro ao “meu” território, à secularização religiosa. Quando não se tem mais convicção nas verdades pré-estabelecidas e o desencantamento do mundo mostra-se tanto mais aterrorizante, o medo torna as comunidades vulneráveis à assimilação de discursos autoritários

fundamentalistas/fanáticos, porque oferecem fórmulas prontas para os problemas mais urgentes.

Voltando-nos para a narrativa ficcional, esse quadro de crescente desestabilização nacional provocou, mais tarde, a orquestração da tomada de poder por um grupo fundamentalista que conseguiu instaurar um regime teocrático, isto é, baseado em dogmas religiosos e que tinha por objetivo “recuperar” a nação e “realinhá-la”, pois “frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as ‘pessoas’ para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os ‘outros’ que ameaçam a sua identidade e para que se preparem uma nova marcha para frente” (HALL, 2014, p. 33).

Isto posto, Offred narra: “It was after the catastrophe, when they shot the president and machine-gunned the Congress and the army declared a state of emergency. They blamed it on the Islamic fanatics, at the time” (ATWOOD, 2006, p. 174)⁵. Percebe-se, pelo enunciado proferido pela protagonista, que a autora escolhe palavras voltadas a um ato terrorista-ditatorial, como “catastrophe” (“catástrofe”), “shot the president” (“mataram a tiros o presidente”), “machine-gunned the Congress” (“metralharam o Congresso”), “state of emergency” (“estado de emergência”) e “fanatics” (“fanáticos”). A imagem construída pela autora – para Bakhtin (2015), “[p]or trás da narração do narrador lemos uma segunda narração: a narração do autor sobre a mesma coisa narrada pelo narrador e, além disso, sobre o próprio narrador” (p. 99) – remonta a uma cena de golpe de estado cujos protagonistas escondem a sua verdadeira posição axiológica, passando a culpar os fanáticos islâmicos pelo ato. Essa imagem do golpe é construída por meios das palavras escolhidas pela autora para a narradora, que, como palavras, são bivocais, pois traduzem duas intenções: “a intenção direta da personagem falante e a intenção refratada do autor” (BAKHTIN, 2015, p. 113).

No enredo, a imagem da derrubada ilegal do governo construída pela autora abre espaço para a história da República de Gilead que começa, ironicamente, com um violento ataque ao Estado provocado por um grupo de cristãos fundamentalistas locais. A ironia reside no fato de a autora ter escolhido o golpe político por fundamentalistas cristãos americanos e não por fanáticos islâmicos (já marcados

⁵Tradução ao português: “foi depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência. Na época, atribuíram a culpa aos fanáticos islâmicos” (ATWOOD, 2006, p. 210).

socialmente como extremistas perigosos), já que os Estados Unidos eram reconhecidamente a nação democrática por excelência. Por fim, no enredo, a tática usada foi tornar os fanáticos islâmicos como o inimigo comum para servir de bode expiatório e desviar a atenção da população para a ruptura institucional em curso no enredo do romance.

O fundamentalismo, como discurso autoritário, então, tomou partido quando as outras forças políticas tradicionais do país, os republicanos ou democratas, conservadores ou liberais, falharam de alguma forma. Segue-se o que Oz (2004, p. 14) descreve acerca da atuação dos fanáticos quando sentem que seus valores, seus códigos de ética e moralidade, sua nação, sua identidade estão sob ameaça do outro estrangeiro: “se julgo algo mau, elimino-o, junto com seus vizinhos”. Dessa maneira, no enredo, os *Sons of Jacob* [Filhos de Jacó] eram aqueles que, por meio da violência como meio que justifica os fins, consertariam as coisas que estavam fora do lugar e reescreveriam a nação sob um novo conjunto de símbolos (signos ideológicos) e representações.

Como efeito, a próxima grande e significativa mudança seria a alteração do nome do país: de Estados Unidos da América, o país que “não deu certo”, tornou-se a nova nação, a *Republic of Gilead* [República de Gilead]. No enredo, a mudança do nome marca tanto a instauração efetiva do fundamentalismo nos EUA representado quanto significa uma tentativa de reorientar a nação, retirá-la de um passado turbulento, herético, desencantado e desiludido para realinhá-la, isto é, purificar o território dos invasores, promover o recomeço.

A palavra *Gilead* é de origem bíblica (Velho Testamento) e designa uma região famosa por produzir uma planta com grandes poderes medicinais conhecida por “bálsamo de Gileade”, também simbólico de busca para a cura divina. Portanto, no Velho Testamento, o profeta Jeremias (8: 21-22) alude ao bálsamo de Gileade quando se depara com a destruição do povo de Israel pelo pecado: “Não há bálsamo em Gileade? Lá não há médico? Por que não se vê despontar a cura do meu povo?” (JEREMIAS 8:22, 1994, p. 730). Em uma das muitas leituras desta passagem, o profeta questiona a falta de fé e coloca como cura das feridas espirituais o retorno a essa fé e a abolição do pecado. Fazendo paralelo com a história do povo de Israel, devastado pelas heresias, no romance, os Estados Unidos seriam, simbolicamente, esse local perdido que precisava ser “consertado” de suas “transgressões”. No

enredo, o grande castigo foram cepas de AIDS e sífilis, e uma grave queda da taxa de natalidade, razões principais que levaram ao golpe no país.

Relacionando o nome do país dado pela autora à metáfora bíblica, a República de Gileade é a nação renascida, ou balsamizada, ou que contém os bálsamos/remédios que redimiriam o passado no “pecado”: *We were a society dying, said Aunt Lydia, of too much choice* (ATWOOD, 1986, p. 25)⁶. Por meio do discurso indireto (“said Aunt Lydia”/“dizia tia Lydia”), percebemos que a narradora apresenta a fala de Aunt Lydia, uma das mulheres responsáveis por treinar Aias, que associa a escolha (“choice”) com a morte (“dying”). O verbo escolhido pela autora em sua forma adjetiva (“dying”) remonta a um processo em que pessoas estavam morrendo pela “doença” da escolha. Vale ressaltar que o substantivo “choice” remete-nos ao princípio do livre arbítrio, que, de acordo com o discurso autoritário fundamentalista representado, deveria ser eliminado. Assim, estaria nas mãos da República de Gileade balsamizar, através de medidas curativas, a nação desviante e realinhá-la a partir de um discurso unificador e coerente com os valores tradicionais.

Para redimir o povo da República, salvá-lo da cultura herética e do risco de extinção humana, seria urgente promover a obediência absoluta aos textos bíblicos: “essa obediência, ansiosa por se intensificar, chega ao ponto de que um servo decidido a tudo prefere as leis mais rígidas e as ordens mais desagradáveis, visando obter o material para operar a submissão radical” (SLOTERDIJK, 2016, p. 112). Para o discurso fundamentalista representado no romance, somente sob a condição de uma obediência total à aplicação rigorosa das leis bíblicas é que seria possível recuperar a glória da nação e do povo, suas virtudes e sua aproximação com a verdade transcendente.

Percebemos, no enredo, ainda, que, nos casos mais graves, o cumprimento das ordens divinas é zeloso, profundamente obediente e desejoso por ser provado das formas mais rígidas às mais cruéis: “[...] there were many women willing to serve as Aunts, either because of a genuine belief in what they called ‘traditional values,’ or for the benefits they might thereby acquire” (ATWOOD, 1986, p. 308)⁷. Como podemos perceber no excerto, a autora cria dois “tipos de mulheres” que querem ser “aunts”

⁶Tradução ao português: “Éramos uma sociedade que estava morrendo, dizia tia Lydia, de um excesso de escolhas” (ATWOOD, 2006, p. 37).

⁷Tradução ao português: “[...] existiam muitas mulheres dispostas a servir como Tias, fosse por causa de uma crença genuína no que chamava de ‘valores tradicionais’, ou pelos benefícios que poderiam desse modo adquirir” (ATWOOD, 2006, p. 362).

(“tias”): as primeiras são aquelas que assimilam incontestavelmente o discurso fundamentalista, desejando um retorno aos “traditional values” (“valores tradicionais”); as segundas são aquelas que rejeitam o discurso fundamentalista e veem o tornar-se Tias a única forma de obterem (“acquire”) algum benefício (“benefits”). Dessa forma, a autora adiciona a tensão, ao revelar que, nesse mundo criado, alguns oprimidos aquiescem ao discurso opressor. É o fundamentalismo que, como discurso autoritário, é assimilado por essas falantes (segundo a concepção da narradora) como discurso a ser reconhecido incondicionalmente (BAKHTIN, 2015), levando-as a partilhar do mesmo pensamento extremista dos idealizadores de Gilead. Assim sendo, a autora escolhe criar a República de Gilead a partir de sua construção por um séquito de fanáticos prontos para lutarem nas trincheiras.

Seguindo essa linha, as representações simbólicas (signos ideológicos), no governo de Gilead, foram instituídas como estratégia para reforçar a nação gileadiana, a fim de romper com a nação americana, pois: “[...] por meio da representação [...] a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2014, p. 91). Assim, alguns desses signos ideológicos funcionavam tanto como uma forma de construir uma narrativa acerca da nova nação, como para reprimir e controlar a população, assegurando que os valores com forte teor fundamentalista retornassem e se naturalizassem. Vale ressaltar que consideramos esses símbolos como signos ideológicos, pois, conforme Volóchinov (2017), até um instrumento de produção pode se tornar signo quando ele, “[s]em deixar de ser uma parte da realidade material, [...] em certa medida, passa a refratar e a refletir outra realidade” (p. 92).

Voltando ao enredo do romance, uma vez que o novo regime governamental foi instaurado, seria preciso tomar medidas que assegurassem a continuidade dessa nova nação e que se diferenciassem e se distanciassem daquela do passado. Por exemplo, foi necessário substituir signos antigos, como a constituição [“That was when they suspended the Constitution” (ATWOOD, 1986, p. 174)]⁸, por um novo signo, a saber, o Velho Testamento. Na sequência, foi necessário reorganizar os sujeitos, separar os bons dos maus e puni-los exemplarmente, como narra Offred quando se depara com os corpos de homossexuais enforcados no Muro: “The two others have

⁸Tradução ao português: “Foi então que suspenderam a Constituição” (ATWOOD, 2006, p. 154).

purple placards hung around their necks: Gender Treachery” (ATWOOD, 1986, p. 43)⁹. A perseguição e a punição estendiam-se para pessoas de doutrinas religiosas diferentes: “One is a priest, still wearing the Black cassock” (ATWOOD, 1986, p. 43)¹⁰. Outra medida foi destituir as mulheres de todos os direitos: “Women can’t hold property anymore [...]. It’s a new law” (ATWOOD, 1986, p. 178)¹¹.

Como é percebido, a autora escolhe várias palavras que atuam como signos ideológicos. Segundo Volóchinov (2017), uma palavra, para ser signo, precisa “adquirir uma significação que ultrapassa os limites de sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra parte da realidade” (p. 93). Dessa forma, as palavras deixam de ser meras palavras dicionarizadas e passam, como signo ideológico, a ter sentidos e valores sociohistóricos. Entre elas, nos excertos apresentados no parágrafo anterior, queremos destacar o Muro.

O Muro (“the Wall”) era o local de punição para quem transgredisse as regras. O Muro, como signo ideológico, servia como reforço do poder de Gilead e como lembrete – era esperado que fosse visitado por todos – do que não seria mais tolerado e incentivo ao que deveria ser odiado. Assim, não apenas os Traidores de Gênero (“Gender Treachery”), mas médicos, por exemplo, que tenham realizado abortos no passado eram marcados com esse símbolo: “Each has a placard hung around his neck to show why He has been executed: a drawing of a human fetus. They were doctors, then, in the time before, when such things were legal” (ATWOOD, 1986, p. 32)¹². A autora cria, em Gilead, métodos de punição que eram maneiras performativas de definir a representação da nação, além de formarem, como signos ideológicos, expressões simbólicas da ideologia do poder governamental fundamentalista que foi instaurado. O Muro não fugia a isso: não se tinha apenas um reforço do poder fundamentalista, como também simbolizava o “nós” e o “eles”, isto é, os “outros”, que foram enforcados porque mereceram, e o “nós”, que os observamos do lado “certo” da história — ou assim viam.

⁹Tradução ao português: “Os outros dois têm cartazes púrpura pendurados ao redor do pescoço: Traição por Falsidade de Gênero” (ATWOOD, 2006, p. 57).

¹⁰Tradução ao português: “Um é de um padre, ainda vestindo a batina preta” (ATWOOD, 2006, p. 57).

¹¹Tradução ao português: “Mulheres não podem mais possuir bens, [...]. É uma nova lei” (ATWOOD, 2006, p. 159).

¹² Tradução ao português: “Cada um tem um cartaz pendurado ao pescoço para mostrar por que foi executado: um desenho de um feto humano. Eles eram médicos, então, no tempo de antes, quando coisas desse tipo eram legais” (ATWOOD, 2006, p. 35).

Ainda é necessário mencionar que os símbolos que lembravam a “americanidade” foram imediatamente reprimidos e reposicionados como tabus sociais, ganhando assim valor de signo ideológico. Por exemplo, percebemos no enredo que, em Gilead, além da proibição de andar nas ruas livremente, as pessoas eram proibidas de se vestirem livremente. Em uma fala da protagonista Offred, narradora e falante no romance, ela relembra: “from the watching girls, felt skirted as I knew from pictures, later in miniskirts, then pants, then in one earring, spiky green-streaked hair” (ATWOOD, 1986, p. 3)¹³. A fala de Offred é uma observação que expressa como a indumentária, tais como “miniskirts” (minissaias) e “pants” (calças), ganhou sentido ideológico e acabou tornando-se também um signo que compunha o conjunto de significados representativos da nova nação, a República de Gilead. A autora, com a criação desses signos que ganham sentido em um novo contexto, o contexto do romance, ou seja, de Gilead, refrata uma posição axiológica sobre essas vestimentas, que, se eram usadas como forma de protesto no passado da obra (na memória de Offred), no seu presente tornam-se um sinônimo de aprisionamento.

Na prática, a vestimenta, como signo ideológico, passa a ser uma maneira de classificar e controlar as pessoas, além de marcá-las pela diferença. Em Gilead, as mulheres, principalmente, foram dispostas em classes fixas como método de vigiá-las; para tanto, as Aias eram marcadas por um longo vestido vermelho e chapéus brancos com abas: “Everything except the wings around my face is red: the color of blood, which defines us. The skirt is ankle-length, [...] the sleeves are full” (ATWOOD, 1986, p. 8)¹⁴. A cor vermelha definia o tipo de classe à qual pertencia a mulher e que tipo de papel social lhe era designado: no caso das Aias era unicamente gerar novas vidas para Gilead. Percebemos que, nesse contexto, a autora faz a relação entre o vermelho e o sangue (“blood”), cor essa que as define (“which defines us”). O vermelho é também indicativo de pecado, pois aquelas mulheres estavam ligadas a atividades sexuais sacralizadas no contexto de Gilead, além de também significar proibição; isto é, eram mulheres proibidas para quase todos os homens com exceção dos Comandantes, já que as Aias foram tidas como de “uso” privilegiado deles.

¹³Tradução ao português: “[...] das garotas assistindo aos jogos vestidas com saias de feltro, como eu tinha visto em fotografias, mais tarde de minissaias, em seguida de calças, depois com um brinco só, os cabelos espetados com mechas pintadas de verde” (ATWOOD, 2006, p. 11).

¹⁴Tradução ao português: “Tudo, exceto a touca de grandes abas ao redor de minha cabeça, é vermelho: da cor do sangue, que nos define. A saia desce à altura de meus tornozelos, [...] as mangas são bem largas e franzidas” (ATWOOD, 2006, p. 16).

Por fim, vale destacar que, para que o discurso autoritário fundamentalista se solidificasse no mundo ficcional, a autora normaliza os elementos consolidadores desse discurso, a fim de que o sentimento de ligação nacional fosse restabelecido e os sujeitos passassem a sentir-se parte de uma nova narrativa de nação. Como afirma Silva (2014, p. 83) “a normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença”. Nessa lógica, o governo de Gilead buscava instituir uma nova “identidade nacional” através da normalização de hábitos sociais como a ida diária ao Muro, vestir-se de acordo com o código de indumentária e realizar tarefas específicas para cada classe. Como exemplo dessa representação, havia as Aias que deveriam vestir-se de vermelho e ser responsáveis pela reprodução de novos integrantes no país. Dessa forma, Atwood cria um governo fundamentalista que estabelecia o controle e garantia a ordem por meio do exemplo público da punição daqueles que se desviavam das fronteiras e das normas estabelecidas.

REFLEXÕES FINAIS

Este texto teve o objetivo de compreender a representação da entrada do discurso fundamentalista na sociedade estadunidense em *The handmaid's tale* e a consequente violência desencadeada por esse discurso, que, como discurso autoritário, não permitia um uso livre e criador por parte dos falantes (BAKHTIN, 2015), mas uma submissão incontestável, controlada por forças militares e religiosas. Para alcançarmos os objetivos propostos, buscamos discutir, a partir da teoria do romance de Bakhtin, conceitos voltados à personagem (falante) e ao discurso autoritário, com foco no discurso autoritário religioso fundamentalista.

Bakhtin (2018), ao discutir a relação entre a vida e a arte, declara que “entre o mundo real que representa e o mundo representado na obra passa uma fronteira nítida e intransponível” (p. 230-231). No entanto, apesar de não ser possível fundir o mundo que representa e o mundo representado, o autor russo explica que esses mundos estão “indissolúvelmente ligados um ao outro e se encontram em constante interação” (BAKHTIN, 2018, p. 231). Segundo Martin e Xaba (2013, p. vii; nossa tradução), nessa

interação com espaços ficcionais, “possibilidades que não consideramos são sugeridas. Somos confrontados com nossos preconceitos e concepções”¹⁵.

Foi, portanto, a criação artística de Atwood que sugeriu como é possível, no mundo contemporâneo, a construção de uma sociedade totalitária teocrática a partir da assimilação natural ou compulsória do discurso autoritário do fundamentalismo religioso, que, por meio da força, não aceita a sua rejeição, mas a submissão incontestável dos seus princípios. Paulo Bezerra, ao explicar o conceito de ficção na obra de Bakhtin, afirma que, na perspectiva do autor russo, “a arte da ficção permite apurar a nossa percepção do real e nossa capacidade de transcendê-lo como resultado do efeito estético, pondo-nos em diálogo e comunhão com ele e superando nossos próprios limites em decorrência desse diálogo e dessa comunhão” (2015, p. 249).

Dessa forma, *The handmaid’s tale*, no mundo da arte, apura a nossa percepção do crescimento do autoritarismo no mundo e no Brasil contemporâneo, permitindo que vislumbremos o papel do discurso autoritário da religião fundamentalista na construção de uma sociedade em que as vozes dos falantes não são ouvidas, em que os grupos minoritários têm de se submeter aos grupos dominantes, em que o discurso científico da razão é contestado e revisado em nome do discurso religioso da fé e da submissão, em que fé e armas deixam de ser antagônicas e passam a conviver harmoniosamente. *The handmaid’s tale*, portanto, conclama a todas e todos que transcendam o mundo da arte e enxerguem o papel do discurso fundamentalista religioso na criação de regimes autoritários nas sociedades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, K. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ATWOOD, M. *The handmaid’s tale*. New York: Anchor Books, 1986.

ATWOOD, M. *O conto da Aia*. Tradução: Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

¹⁵Texto original: “possibilities we haven’t considered suggest themselves. We are confronted with our prejudices and preconceptions”.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p.19-241.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, M. O romance como gênero literário. *In*: BAKHTIN, M. *Teoria do romance III: o romance como gênero literário*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 65-111.

BEZERRA, P. Breve glossário de alguns conceitos-chave. *In*: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 243-249.

GARCIA, J. A. Identidad y alteridad en Bajtín. *Acta poética*, v. 27, n.1, p. 45-61, 2006. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-30822006000100004&lng=es&nrm=iso&tlng=es. Acesso em: 12 mar. 2021.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2014.

HARARI, Y. N. *21 lições para o século XXI*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JEREMIAS. *In*: *Bíblia*: tradução ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 713-802.

LIMA, S. M. M. Sujeito em Bakhtin: autoria e responsabilidade. *PERcursos Linguísticos*, v. 8, n. 19, p. 59-76, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/20305>. Acesso em: 12 mar. 2021.

MARTIN, K.; XABA, M. Preface. *In*: MARTIN, K.; XABA, M. (ed.). *Queer Africa: new and collected fiction*. Johannesburg: MaThoko's Books, 2013. p.vii-ix.

OZ, A. *Contra o fanatismo*. Tradução de Daniel Sarasola. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PIRES, V. L.; SOBRAL, A. Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov. *Bakhtiniana*, v. 8, n. 1, p. 205-219, Jan./Jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/ZttMDKcQ9TcWgSKQkn6FDSd/?lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

SLOTERDIJK, P. *O zelo de Deus: sobre a luta dos três monoteísmos*. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

Recebido em 10/08/2021

Aceito em 08/03/2022

Publicado em 22/03/2022